

Observações Morfofonológicas na Análise dos Acrônimos de Duas Letras: uma Visão Otimalista

Prof. Dr. Bruno Cavalcanti Lima¹ (IFRJ)

Resumo:

Há, em Português, processos que formam novos vocábulos a partir da perda de segmentos. Esses processos, chamados não-concatenativos, revelam que o Português faz uso de categorias morfoprosódicas para formar uma nova palavra. Operações não-concatenativas, conforme Spencer (1991) e Gonçalves (2005), não são analisáveis com base em morfologia pura, mas através da operação de dois níveis linguísticos – o morfológico e o fonológico/prosódico –, já que a perda de massa fônica de uma palavra faz emergir um novo item lexical. Por meio de estudos de interface morfologia-fonologia, dessa forma, descrevem-se melhor operações linguísticas produtivas que envolvem perda de segmentos fônicos (processos não-concatenativos). Dentre esses processos, Lima (2014) destaca a formação de acrônimos, que, segundo Abreu (2009), são siglas pronunciadas como palavras da língua, como, por exemplo, ONU, para Organização das Nações Unidas. Como objetivo primeiro deste trabalho, explicita-se a motivação fonológica que faz com que determinadas siglas de duas letras sejam acrônimos, como IG (Internet Grátis), por exemplo, e outras sejam soletradas, como ocorre em BO (Boletim de Ocorrência). A análise dá-se por meio da Teoria da Otimalidade (McCarthy & Prince, 1993; Prince & Smolensky, 1993), modelo paralelista que trabalha com a avaliação de formas a partir de uma hierarquização de restrições, que objetiva, por sua vez, checar possíveis candidatos a *output*. Um dos objetivos do trabalho, por conseguinte, é estabelecer uma hierarquização de restrições para o processo e verificar o papel de cada restritor na análise em questão. No que tange à prática metodológica, levantamentos de dados foram feitos em dicionários eletrônicos, como o Aurélio e o Houaiss, por meio das ferramentas de busca que as obras apresentam; em gramáticas tradicionais e manuais de morfologia do Português; em jornais, revistas e *sites* de busca; e em situações de fala real.

Palavras-chave: acrônimos, morfologia, fonologia, Teoria da Otimalidade

1 Introdução

A morfologia do português caracteriza-se pela formação de novas palavras a partir da concatenação de formativos. Isso significa dizer que novos itens lexicais são gerados com base no acréscimo de afixos, como ocorre na derivação (‘nomear’ > ‘renomear’, por exemplo) ou com o encadeamento de radicais ou bases, a exemplo de ‘passa’ + ‘tempo’ > ‘passatempo’.

É importante ressaltar, porém, que algumas palavras não são produzidas por meio da concatenação de elementos morfológicos, como se verifica em ‘Francisco’ > ‘Chico’; ‘botequim’ > ‘boteco’ e ‘chá’ + ‘café’ > ‘chafé’. Nota-se, nesses exemplos, que ocorre perda de segmentos para que novos significados sejam veiculados na língua e que não há, como se observa, junção de formativos.

Conforme Gonçalves (2013), os processos que formam novos itens lexicais a partir da perda de segmentos chamam-se casos de morfologia subtrativa. Esses processos não são descritos pela gramática tradicional, pois são considerados “subsidiários” em português (ROCHA LIMA, 2003) por esse tipo de literatura.

Os denominados processos não-concatenativos de formação de palavras evidenciam que o português faz uso de categorias morfoprosódicas para gerar um novo vocábulo. De acordo com Gonçalves (2004a), essas operações são as seguintes: a Reduplicação (bate-bate, brincadeira de criança), o Truncamento (Maraca, para Maracanã), o Cruzamento Vocabular (apertamento, junção das bases aperto e apartamento), a Hipocorização (Fabi, para Fabiana) e a Siglagem (CR, para Coeficiente de Rendimento).

Spencer (1991) e Gonçalves (2005) afirmam que os processos não-concatenativos não devem ser analisados levando-se em conta apenas morfologia pura, mas deve ser levada em consideração a interação de dois níveis linguísticos – o morfológico e o fonológico –, porque a perda de massa fônica de uma palavra gera um novo vocábulo. Sendo assim, operações morfológicas, muitas vezes, “ultrapassam os terrenos da própria morfologia e acessam conteúdos fonológicos, acarretando o que chamamos de estudos de interface ou, mais especificamente, interface morfologia-fonologia” (LIMA & THAMI DA SILVA, 2011: 77).

Neste trabalho, analisa-se o processo da Siglagem pela via da Teoria da Otimalidade, modelo teórico postulado por McCarthy & Prince (1993) e Prince & Smolensky (1993). Contemplar-se-ão, no entanto, por uma questão de espaço, apenas os acrônimos constituídos por duas letras. Este artigo emprega a nomenclatura proposta por Abreu (2009), para quem siglas cujas letras são nomeadas se chamam alfabetismos (CT, para Centro de Tecnologia), e siglas pronunciadas como palavras da língua denominam-se acrônimos (IF, para Instituto Federal).

A partir dessa divisão, argumenta-se que acrônimos devem ser compreendidos como palavras morfológicas e fonológicas, visto que se ajustam aos diversos padrões fonológicos a que qualquer palavra da língua se submete. O acrônimo IG (Internet Grátis), por exemplo, é pronunciado com a epêntese de [i] após o segmento obstruinte [f]ⁱⁱ, já que, em português, consoantes oclusivas não podem preencher a posição de coda (CÂMARA Jr, 1970). Com a epêntese, o segmento obstruinte passa a ocupar a posição de ataque silábico, posição que lhe é própria, produzindo-se o dissílabo paroxítono [ˈi.ɡɪ].

Os alfabetismos, entretanto, devem ser analisados apenas como palavras morfológicas, pois são entendidos, muitas vezes, como formas primitivas. O alfabetismo PT, por exemplo, gera as palavras derivadas por sufixação **petista**, que designa aquele que é eleitor do PT (Partido dos Trabalhadores) e **petismo**, palavra que se refere ao modo de governar do Partido dos Trabalhadores.

Tratar da formação de siglas é relevante pelo fato de essas construções serem altamente frequentes em diversas áreas da atividade humana, tanto na forma escrita quanto na forma oral, fazendo referência a organizações (ONG: Organização Não-Governamental), instituições (UFU: Universidade Federal de Uberlândia), associações (ACVM: Associação de Comunidades de Vida Mariana), partidos políticos (PC do B: Partido Comunista do Brasil), serviços públicos (SAC: Serviço de Atendimento ao Consumidor) etc. As siglas, como se nota, estão presentes em uma variedade de práticas sociais.

Reitera-se que este artigo enfocará o estudo dos acrônimos, visto que são palavras morfológicas e fonológicas da língua, e que se fez opção por uma análise restrita a formações acronímicas de duas letras, já que não há espaço, neste trabalho, para tratar dos diversos formatos existentes. Espera-se que esta pesquisa mostre que o estudo da realização fonética dos acrônimos pode evidenciar características da fonologia do português brasileiro.

O trabalho está dividido da seguinte maneira: na próxima seção, apresentam-se as questões referentes à prática metodológica e, na seção seguinte, discorre-se brevemente a respeito do processo da Siglagem no português brasileiro. Na sequência, abordam-se os principais pontos que se referem à Teoria da Otimalidade para que a seção subsequente contemple a análise otimalista do acrônimo de duas letras selecionado para este estudo. Seguem-se, por fim, as considerações finais da pesquisa.

2 Metodologia

No que toca à prática metodológica, fizeram-se levantamentos de dados em dicionários eletrônicos, como o Houaiss e o Aurélio, por exemplo, por meio das ferramentas de busca apresentadas pelas obras; em manuais de morfologia do Português e gramáticas tradicionais; em jornais, revistas e *sites* de busca; e em situações de fala real.

Já que somente acrônimos serão contemplados nesta pesquisa, foi necessária a aplicação de teste de leitura a alguns informantes para que se chegasse à conclusão de quais formações são acrônimos e quais são alfabetismos. O teste foi realizado por meio de 16 enunciados, que continham siglas de todas as combinações possíveis de vogais (V) e consoantes (C), para formatos de duas letras: CC, CV, VC e VV. Foram selecionadas 4 siglas para cada formato, isto é, 16 siglas, como já colocado. Os enunciados, extraídos de *sites* da internet, foram trechos que continham uma sigla, como, por exemplo: “A Delegacia Eletrônica da Secretaria de Segurança de São Paulo permite ao cidadão fazer um BO *On-line*.”.

A finalidade do teste foi a verificação de como os informantes pronunciavam as siglas apresentadas nos enunciados, a fim de que houvesse a separação entre acrônimos e alfabetismos. O teste foi lido por 10 informantes (5 homens e 5 mulheres, todos maiores de 16 anos), totalizando 160 dados para análise. Os dados foram gravados em formato digital (aparelho de telefone celular com esse recurso) e posteriormente transcritos, considerando-se a escuta por parte do pesquisador. As transcrições fonéticas foram feitas com base nos símbolos do Alfabeto Fonético Internacional, o IPAⁱⁱⁱ.

3 As Siglas no Português Brasileiro

Muitos linguistas brasileiros já abordaram a Siglagem em seus trabalhos, embora a maior parte o tenha feito de forma concisa. Expõem-se, nesta seção, as visões de alguns estudiosos que já trataram da formação de siglas em português. Selecionaram-se os trabalhos de Cunha (1985), Cristófaros-Silva (2011), Abreu (2004; 2009). Os trabalhos de Abreu são mais aprofundados, por serem estudos específicos sobre o assunto em uma dissertação de mestrado e em uma tese de doutorado.

Cunha (1985) assevera que há um processo de criação vocabular que consiste em reduzir títulos a siglas, constituídas das letras iniciais das palavras que os compõem. O autor ressalta que, em geral, muitas instituições são mais conhecidas pelas siglas que pelas denominações completas. Cunha destaca o fato de que, depois de criada e empregada cotidianamente, a sigla passa a ser entendida como palavra primitiva, capaz de produzir derivados, como acontece em **pedessista**, que vem de PDS, isto é, aquele que é filiado ao Partido Democrático Social, partido já extinto no Brasil. Como o autor, ao tratar das siglas, não focaliza a questão ortográfica, mas já as insere no assunto “processos de formação de palavras”, pode-se afirmar que o registro de Cunha é pioneiro na literatura pedagógica.

No verbete **Siglagem** de seu **Dicionário de Fonética e Fonologia**, Cristófaros-Silva (2011) conceitua o fenômeno como a “combinação de iniciais de sons que ocorrem em uma ou mais palavras também denominado redução sintagmática, acronímia ou abreviação” (CRISTÓFARO-SILVA, 2011: 201). A autora salienta que a sigla pode ser pronunciada com os sons das letras que a compõe, como é o caso de UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), ou como se fosse a leitura de uma palavra, como ocorre em USP (Universidade de São Paulo). Ademais, Cristófaros-Silva defende que “a siglagem se ajusta ao comportamento fonológico geral da língua podendo evidenciar a aplicação de fenômenos fonológicos” (CRISTÓFARO-SILVA, 2011: 201). Essa informação é pertinente para este trabalho, visto que um de seus objetivos é explicitar a aplicação de fenômenos fonológicos na realização fonética de acrônimos.

Em sua dissertação de mestrado, Abreu (2004) ressalta que não há possibilidade de se proceder à análise de siglas através de morfemas, pelo fato de não existirem critérios para decompor um acrônimo em unidades mínimas de som e significado (daí o estatuto de processo não-morfêmico). Além disso, o acrônimo não possui base e afixos que possibilitem a comparação entre os elementos formadores. Como os constituintes das siglas – as letras – têm um sentido em cada formação, cada formação de sigla é única dentro de um contexto.

Abreu aborda, ainda, o fato de o processo de produção de siglas ser marcado pela intencionalidade do criador. As siglas, diferentemente do que acontece nos processos de morfologia produtiva, são formadas de forma não intuitiva. Ademais, ao contrário do que ocorre com a maioria das formações morfologicamente complexas, as siglas apresentam significado opaco, porque este apenas pode ser determinado pelo conhecimento prévio do falante. Deve-se salientar que, em virtude de as siglas apresentarem significado opaco, evidencia-se a arbitrariedade do signo. Não se pode, por exemplo, prever que a sigla *BO* esteja relacionada à expressão Boletim de Ocorrência.

Abreu (2009), em sua tese de doutorado, emprega o termo “sigla” de forma genérica, já que este pode fazer referência a construções soletradas ou a formações pronunciadas como palavra. A autora argumenta que as siglas são constituídas por padrões variados, com diferentes estruturas. Abreu, partindo desse fato, assevera:

Dessas estruturas, surgem dois tipos de sigla: a sigla que forma um *acrônimo* e a sigla que forma um *alfabetismo*. Assim, *acrônimo* é a sigla cuja sequência de letras consoantes e letras vogais exhibe padrão silábico do português e permite, dessa forma, a pronúncia de uma palavra normal. *Alfabetismo* é a sigla cuja sequência de letras consoantes não permite que surja uma estrutura possível de ser pronunciada em português, o que leva à pronúncia letra a letra, ou seja, soletrada. (ABREU, 2009. P. 15).

Já que se fizeram as principais explanações no que tange ao processo de formação de siglas em português, apresentar-se-á, na próxima seção, o funcionamento da teoria que fundamenta este trabalho: a Teoria da Otimalidade.

4 A Teoria da Otimalidade

A Teoria da Otimalidade (doravante TO) tem os trabalhos de McCarthy & Prince (1993 a,b) e de Prince & Smolensky (1993) como fundadores. “A TO é um modelo paralelista que trabalha com a avaliação de formas a partir de uma hierarquização de restrições, que objetiva, por sua vez, checar possíveis candidatos a *output*” (LIMA, 2008: 27). Essas restrições têm caráter universal, o que significa que podem ser aplicadas em quaisquer línguas. Além disso, cumpre salientar que uma abordagem via TO pode ser vantajosa se comparada a outras, pelo fato de as restrições serem passíveis de violação. Esta é fruto da satisfação a outro restritor mais bem ranqueado.

Ao se conceber a ideia de gramática na TO, deve-se levar em consideração que o ranqueamento é uma propriedade fundamental. Há uma gramática universal, “que é representada pelo conjunto de restrições, e, além da gramática universal, existe a particular, representada pelo ranqueamento dessas restrições nas distintas línguas” (LIMA, 2008: 28). O que distingue as línguas, por conseguinte, é o fato de ranquearem um conjunto de restrições de diferentes formas.

Schwindt (2005: 260), tratando da geração de candidatos a *output*, afirma que “deve ser suficientemente restrita de forma a não produzir expressões ou análises que não respeitem propriedades gerais de boa formação”. O princípio que gera candidatos em TO, entretanto, é universal, o que evidencia que qualquer porção de estrutura linguística pode ser apresentada como um candidato.

A eleição do candidato ótimo se dá através de uma avaliação que considera, em paralelo, todos os candidatos e todo o *ranking* de restrições. Sendo assim, chega-se à conclusão de que a TO,

em sua versão denominada clássica, não concebe derivação e opõe-se, pois, às teorias que a antecederam.

Por fim, é importante ressaltar que a análise através da TO ocorre com a disposição dos candidatos e dos restritores em um *tableau*. Emprega-se Essa expressão para nomear tabelas “que contêm, na horizontal, as restrições, hierarquizadas por relações de dominância e, na vertical, os *outputs* possíveis, a partir de um dado *input*” (LIMA, 2008: 34).

Em (01), a seguir, verifica-se o funcionamento de um *tableau*:

(01)

/pista/	*COMPLEX	NO-CODA
a. \varnothing pis.ta		*
b. pi.sta	*!	

Como se nota, o candidato “b” foi eliminado da competição, em virtude de infringir o restritor mais alto da hierarquia, *COMPLEX, pois *pi.sta* apresenta, na segunda sílaba, um ataque com dois segmentos, e essa restrição desfavorece ataques complexos. Marca-se a violação por meio de um asterisco (*) e, nesse caso, indica uma violação fatal, representada por um ponto de exclamação (!), já que o candidato “b” está fora da competição a partir daquele ponto de análise. Ainda que viole uma restrição ao permitir uma consoante travando a primeira sílaba, o candidato “a” emerge como vitorioso, visto que o restritor NO-CODA, que desfavorece codas, é menos cotado na hierarquia que *COMPLEX. O candidato vitorioso, como se pode verificar, é apontado pelo símbolo \varnothing .

5 Análise

São quatro os formatos possíveis para as siglas de duas letras:

(i) CC (Consoante-Consoante)

Exemplos: PR, para Partido da República; FL, para Faculdade de Letras; MP, para Ministério Público ou Medida Provisória; BC, para Banco Central.

(ii) VV (Vogal-Vogal)

Exemplos: UE, para União Europeia; AA, para Alcoólicos Anônimos; IE, para Instituto de Economia; UA, para Universidade do Amazonas.

(iii) CV (Consoante-Vogal)

Exemplos: BO, para Boletim de Ocorrência; DE, para Dedicção Exclusiva; NA, para Narcóticos Anônimos; PE, para Polícia do Exército.

(iv) VC (Vogal-Consoante)

Exemplos: AN, para Agência da Notícia; UP, para Universidade do Porto; AL, para América Latina; IF, para Instituto Federal ou Instituto de Física.

Os dados revelados nos testes mostram que as siglas de duas letras são sempre alfabetismos, com exceção do padrão VC, quando C for uma obstruinte (fricativa labial ou oclusiva)^{iv}. Dessa maneira, somente na combinação VC, com C representando uma obstruinte, pode-se ter um acrônimo (a sigla *IG*, para *Internet Grátis*, é um bom exemplo), o que evidencia a variabilidade do formato VC. A seguir, em (02), comprova-se o caráter variável desse padrão. Observe-se que a presença de nasais, laterais e vibrantes leva a sigla a ser soletrada:

(02)^v

EN (Escola Naval): C é nasal → alfabetismo → [ɛ. 'ẽ.nɪ]

IL (Instituto de Letras): C é lateral → alfabetismo → [i.'ɛ.lɪ]

IR (Imposto de Renda): C é vibrante → alfabetismo → [i.'ɛ.xɪ]

IF (Instituto Federal): C é obstruinte → acrônimo → ['i.fi]^{vi}

A observação aos acrônimos de duas letras nos remete a questões importantes sobre a organização fonológica do português. Em primeiro lugar, essas formações acronímicas não criam monossílabos; constituem sempre dissílabos paroxítonos, havendo, nesses casos, a epêntese da vogal [ɪ] junto ao segmento obstruinte. A inserção desse segmento vocálico para resolver questões referentes à sílaba é encontrada em diversas situações, como nos grupos consonânticos ditos impróprios, a exemplo de *ritmo*, *pacto*, *afta* (CÂMARA Jr., 1970); na adaptação dos empréstimos, sobretudo os do inglês (MENDES, 2009), como *funk*, *sport* e *smoking*; na separação de vogais adjacentes na morfologia do verbo, como em *passeio*, *presenteia* (RODRIGUES, 2009); na ligação de bases consonantais com a desinência de plural (GONÇALVES, 2004b), como em *mares*, *fregueses* e *túneis*.

Esses fatos revelam que [ɪ] é a vogal epentética por excelência em português, o que se confirma na produção de acrônimos como um todo. Este trabalho, entretanto, restringe-se aos acrônimos de duas letras.

Ressalta-se, ademais, que a tendência de acrônimos de duas letras não permitirem que segmentos obstruintes figurem na posição de coda silábica confirma um padrão geral do português brasileiro. Além disso, é importante salientar que a inserção da vogal (epêntese) é uma solução para modificar sequências que, de certa forma, poderiam levar segmentos sem licenciamento para a posição de coda silábica, como é o caso das obstruintes (COLLISCHONN, 2007). É exatamente isso que ocorre com os acrônimos de duas letras: insere-se a vogal [ɪ] após o segmento obstruinte justamente para modificar o estatuto silábico desse segmento, passando-o da posição de coda para a de *onset*.

Outro fato relevante que se destaca na análise diz respeito ao acento. Lee (2007: 128) postula que, nos “não-verbos, o acento cai numa das duas últimas sílabas”. Afirma, ainda, que o acento proparoxítono dos não-verbos é irregular no português brasileiro e, para justificar essa tese, argumenta que “as palavras derivadas, novas, criadas ou as palavras de origem estrangeira não criam palavras proparoxítonas – as palavras de sigla ou de empréstimo sempre respeitam essas generalizações no português brasileiro” (LEE, 2007: 124). A tese de Lee a respeito do acento dos não-verbos é reforçada, uma vez que os acrônimos de duas letras formam sempre dissílabos paroxítonos.

Os fatos fonológicos mencionados ajudam a comprovar a ideia central deste artigo: a de que acrônimos são palavras da língua, já que se submetem aos mesmos padrões fonotáticos a que se submetem quaisquer palavras do português. O próprio Lee, conforme citação no parágrafo anterior, defende que “palavras de sigla [...] sempre respeitam essas generalizações do português brasileiro” (LEE, 2007: 124).

Essas generalizações sobre os acrônimos de duas letras levam à formulação das restrições a seguir, em (03):

(03)

CODA-COND [+ soante / - soante, + contínuo, + coronal] (Condições sobre a coda): só são permitidos, na posição de coda, segmentos soânticos (nasais, líquidas e vogais) e sibilantes (fricativas alveolares e álveo-palatais); penalizam-se oclusivas e fricativas labiais nessa posição (LEE, 1999).

Violação: quando oclusivas e fricativas labiais aparecerem na posição de coda.

HEAD-DEP-IO: não é permitido que se acentue sílaba que não esteja presente no *input*.

Violação: quando algum segmento inserido for acentuado.

*MID]_{MWd}: palavras morfológicas não podem terminar em vogal média.
 Violação: quando palavras morfológicas terminarem em vogais médias.

DEP-IO (Dependência do *input* no *output*): nenhum segmento deve ser inserido; não pode haver qualquer tipo de acréscimo no *output*.

Violação: quando houver epêntese.

Abaixo, em (04), segue a hierarquia proposta para as restrições postuladas acima:

(04)

CODA-COND ; HEAD-DEP-IO >> *MID]_{MWd} >> DEP-IO

Segue abaixo, em (05), *tableau* com a análise completa do acrônimo IG (*Internet Grátis*). Note-se que se representou a forma de *input* sem barras e por meio de letras. Já que o *input* é a forma de entrada, essa foi, de fato, a forma na qual os informantes se basearam para a leitura das siglas no teste. O *input*, portanto, é gráfico, tal como foi apresentado, isto é, por escrito, e corresponde à forma que motivou a leitura por parte dos sujeitos que participaram do teste.

(05)

IG	CODA-COND	HEAD-DEP-IO	*MID] _{MWd}	DEP-IO
a) \varnothing [('i.gr)]				*
b) [('i.ge)]			*!	*
c) [(i. 'gi)]		*!		*
d) [('ig)]	*!			

O primeiro candidato a violar uma restrição é [('ig)], que infringe CODA-COND, pois apresenta o segmento [g] (uma oclusiva) na posição de coda. O candidato [(i. 'gi)], na sequência, viola HEAD-DEP-IO, porque o acento recai, nesse candidato, sobre a sílaba que apresenta o segmento epentético e, conforme HEAD-DEP-IO, é proibido que se acentue algum segmento inserido. Pelo fato de esses dois restritores atuarem em conjunto (a linha tracejada mostra isso no *tableau*), os candidatos “c” e “d” são eliminados da competição, visto que infringem, uma vez cada, uma das duas restrições mais importantes.

Por *MID]_{MWd}, deixa a competição o candidato [('i.ge)], em virtude de a vogal média [e] ser inserida e, segundo essa restrição, vogais médias em borda direita de palavras morfológicas não são permitidas. Todos os candidatos violam, por fim, cada um uma vez, a última restrição, já que todos inserem algum elemento não presente no *input*. Como três candidatos já haviam sido eliminados da disputa, [('i.gr)] vem à tona como *output* ótimo para o acrônimo IG.

A análise proposta para IG também vale para as demais siglas de duas letras, cujos acrônimos são dissílabos caracterizados pela epêntese de [i], a exemplo de IF [('i.fi)] e UF [('u.fi)].

Conclusão

Os processos não-concatenativos – a Siglagem é um desses processos – não constituem, como mencionado na Introdução, “morfologia pura”, mas “morfologia fonológica”, fato que evidencia a

ideia de que a interface Morfologia-Fonologia deve ser considerada na análise desses processos, uma vez que a integração de primitivos morfológicos com primitivos prosódicos explica a regularidade das operações não-concatenativas.

Este trabalho defendeu, de acordo com a divisão proposta por Abreu (2009), que acrônimos, além de serem palavras morfológicas por também servirem de base para outras formações (*PUC >> puquiano*), devem ser considerados palavras fonológicas, em virtude de se ajustarem aos diversos padrões fonológicos pelos quais qualquer palavra da língua passa (epêntese, formação de ditongos, abertura de vogais médias, entre outros).

Dessa maneira, com o estudo da realização fonética de acrônimos, explicitam-se diversos aspectos relativos à fonotática da língua. Como este trabalho se restringiu ao estudo dos acrônimos de duas letras, o aspecto mais relevante que se evidenciou foi o fato de segmentos obstruintes não poderem figurar na posição de coda silábica, o que ratifica um padrão geral do português brasileiro. Como se viu, a inserção da vogal (epêntese) é uma solução para modificar sequências que, de certa forma, poderiam levar segmentos sem licenciamento para a posição de coda silábica, como é o caso das obstruintes.

Referências Bibliográficas

ABREU, K. N. M. de. *Um caso de morfologia improdutiva no português do Brasil: a formação de siglas e de acrônimos*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ/ Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2004.

ABREU, K. N. M. de. *Um estudo sobre as siglas do português do Brasil*. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ/ Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2009.

CÂMARA Jr., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CLEMENTS, G. N. & HUME, E. V. The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford, Blackwell Publishers, pp. 245-306, 1995.

COLLISCHONN, G. Epêntese vocálica e restrições de acento no português do sul do Brasil. *SIGNUM: Estudos Linguísticos*, Londrina, n. 7/1, p. 61-78, jun. 2004.

COLLISCHONN, G. Proeminência acentual e estrutura silábica: seus efeitos em fenômenos do português brasileiro. In: ARAÚJO, G. A. de (Org.). *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 195-223.

CRISTÓFARO-SILVA, T. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

CUNHA, C. F. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

GONÇALVES, C. A. Condições de minimalidade no molde da hipocorização. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 10-32, 2004a.

GONÇALVES, C. A. Uma análise “simpática” da pluralização em português: otimizando a teoria da simpatia. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga (Portugal), v. 8, n. 1, p. 88-107, 2004b.

GONÇALVES, C. A. Relações de identidade em modelos paralelistas: morfologia e fonologia. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*. São Paulo, v. 21, n. 1, p. 75-119, 2005.

GONÇALVES, C. A. Interface morfologia-fonologia: teorias, abordagens e temas. *Cadernos de Letras da UFF*, 2013.

LEE, S. H. Teoria da Otimalidade e silabificação do PB. In: IBLER, V. B.; MENDES, E. A.; OLIVEIRA, P. (Orgs.). *Revisitações: edição comemorativa dos 30 anos da FALE / UFMG*. Belo Horizonte: UFMG, p. 143-156, 1999.

LEE, S. H. O acento primário no português: uma análise unificada na Teoria da Otimalidade. In: ARAÚJO, G. A. de (Org.). *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 121-143.

LIMA, B. C. *A formação de 'Dedé' e 'Malu': uma análise otimalista de dois padrões de Hipocorização*. Dissertação (Mestrado em Letras (Letras Vernáculas)), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

LIMA, B. C.; THAMI DA SILVA, H. Processos não-lineares de formação de palavras: os “mal-comportados” do português. *Revista Souza Marques*. Rio de Janeiro, ano XI, n. 24, 2011.

LIMA, B. C. *Realização fonética de acrônimos no português brasileiro: uma abordagem morfofonológica através da Teoria da Otimalidade*. Tese (Doutorado em Letras (Letras Vernáculas)), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

McCARTHY, J.; PRINCE, A. *Prosodic Morphology I: constraint interaction and satisfaction*. Cambridge: Rutgers University, Center for Cognitive Science, 1993a.

McCARTHY, J.; PRINCE, A. Generalized Alignment. In: BOOIJ, G. E.; MARLE, J. (orgs.). *Yearbook of morphology*. Dordrecht: Kluwer, p. 79-153, 1993b.

MENDES, S. M. Variação na adaptação fonética da sequência final –ing do inglês: abordagem por ranking de restrições. In: GONÇALVES, C. A. et alii. (Org.). *Otimalidade em foco: morfologia e fonologia do português*. Rio de Janeiro: Publit, 2009, p. 99-111.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: constraint interaction in generative grammar*. New Brunswick: University of Rutgers, 1993.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

RODRIGUES, M. C. Análise otimalista da dissolução dos hiatos em português. In: GONÇALVES, C. A. et alii. (Org.). *Otimalidade em foco: morfologia e fonologia do português*. Rio de Janeiro: Publit, 2009, p. 57-76.

SCHWINDT, L. C. Teoria da Otimalidade e fonologia. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 257-279.

SPENCER, A. *Morphological theory*. Cambridge: Brasil Blackwell, 1991.

WETZELS, W. L. Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 23, p. 19-55, 1992.

ⁱ **Prof. Dr. Bruno Cavalcanti LIMA**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)

bruno.lima@ifrj.edu.br

ⁱⁱ Paragoge é o processo fonológico em que ocorre o acréscimo de som ou sílaba no final de uma palavra. Neste trabalho, todavia, seguindo diversos trabalhos desenvolvidos no âmbito da Teoria da Otimalidade (p. ex., Collischonn, 2004; Gonçalves, 2004a), chama-se epêntese qualquer inserção de segmento, independente da posição em que é inserido.

ⁱⁱⁱ Transcrição fonética de acordo com o dialeto carioca, uma vez que os informantes do teste adotam essa variedade linguística.

^{iv} Endossa-se, aqui, a ideia de que sibilantes não são propriamente obstruintes (WETZELS, 1992; CLEMENTS & HUME, 1995).

^v Exemplos extraídos de Lima, 2014. p. 91.

^{vi} É necessário ressaltar que nem todos os segmentos obstruintes empregados no formato VC levam à produção de um acrônimo. Os testes revelaram, por exemplo, que *UP*, para *Universidade do Porto*, é um alfabetismo.